

Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 22 de novembro

É CÊDO

Não apresentaram até hoje os famosos politicos, que ainda dão pelo nome de progressistas, nenhuma indicação sobre a fórma de resolver a crise, nenhuma ideia contraria á marcha do governo actual, que fosse applaudida, e portanto não ha razão para que não continuem os mesmos governantes, para que não permaneça no mando os que até agora arcaram com as difficuldades politicas e financeiras, os que luctaram contra a Granja desvairada e incorrigivel.

Entregar-lhe o poder seria um erro politico, um acto irregular contra os bons principios liberaes.

Os homens novos, que a defendem, e que estão impacientes de figurarem n'um ministerio, partilham as suas responsabilidades, são solidarios nas suas culpas, e devem soffrer as consequencias.

Nenhuma confiança ha nos chefes, e o principal tudo sacrifica aos interesses do seu partido, não tem norte algum politico ou financeiro, inferior e muito inferior a todos os seus collegas não tem força moral para fazer valer a sua auctoridade, e

nada representa senão a politica das violencias, das falsificações dos recenseamentos, e das simonias, politica, cujo odioso espectáculo não deve repetir-se. E' cêdo.

Leiam-se os seguintes trechos do nosso collega *O Diario Illustrado*:

«Diz-se que andam muitos impacientes em volta do sr. José Luciano, como enorme multidão de formigas, gulosas, em derredor de um pão de ló. Que o instam, que o apertam, que o não largam; que ora pedem, supplicantes, ora exigem, com arrogancia, que fórme governo. E, pelos modos, as arrogancias na exigencia vêm a ser a mais lidima das manifestações de acatamento e consideração dos soldados para com o chefe, em que falla corajoso, o *Correio da Noite*.»

«Andam fulos, furiosos, furi-bundos, ferrabrazes. Querem ser ministros, uns; outros deputados e governadores civis; e a diversos choram-lhes os olhos, em spasma, na visão do *renascimento* da idade aurea dos syndicatos. E que todas as ambições, interesses e ganancias sejam satisfeitas immediatamente, já, já, como imperativamente exclama o actor Valle na comedia o *Commissario de policia*!»

«Vão emissarios á Anadia; ha encontros na Figueira da Foz; da Anadia vem delegados para Lisboa, e n'esta contradança de idas e vindas, e n'esta giga-joga de ambições e interesses, apenas se vê como razão de ser

da queda do ministerio a *vontade do partido progressista*.»

«Mais nada.»
«Os ministros têm administrado honrada e intelligentemente; a ordem publica está assegurada e garantida, chegando-se a um periodo de paz e tranquillidade de quatro annos de perturbações continuas, de ameaças e perigos; a tradicional tolerancia ainda não teve quebra; o deficit economico, embora declamadoramente se façam considerações pessimistas, é cada vez menor; o deficit financeiro, nos termos a que chegou, não pôde assustar ninguém; as rendas publicas augmentam, as despezas diminuem; não ha conflictos internacionaes, pois que tiveram liquidação definitiva aquelles em que as circumstancias nos envolveram; castigam-se todos os abusos; o exercito, que andava infamado por uma campanha de descredito, acaba de dar a mais gloriosa manifestação da sua disciplina e da sua instrucção; não ha abusos impunes, antes, certos criticos, chegam a condoer-se da punição d'elles; os creditos do Estado estão em vespera de serem solvidos pelos processos mais equitativos. E' tudo o mais assim, não havendo d'este governo a noticia de um escandalo, a nota de um esbanjamento!»

Lourenço d'Almeida e Medeiros

Sentenças e despachos do sr. juiz Carneiro e Salgado

V Causa crime

1.º

João Lopes da Silva e Ma-

noel Lopes da Silva Pinto, foram condemnados pelo sr. juiz Carneiro—em policia correccional.

Appellaram da sentença. E requereram a junção da sua minuta e documentos ao processo.

O sr. Carneiro indeferiu. Aggravaram.

O sr. juiz, apesar dos recursos em materia crime terem effeito suspensivo, remetteu a appellação para o tribunal superior sem esperar a decisão do agravo, que foi provido.

Um novo accordão ordenou a junção requerida sem necessidade dos autos baixarem á 1.ª instancia.

Os erros do sr. juiz Carneiro eram clamantes.

2.º

A sentença condemnatoria foi confirmada na Relação, mas annullada no supremo tribunal com solidos fundamentos.

Eis ahi o recurso de revista, que minutou o distincto advogado, o sr. Adriano Anthero de Souza Pinto—pelo qual bem se avaliam as futeis e extranhaes razões, por que os réos foram condemnados.

3.º

Senhor!—Para Vossa Magestade recorrem João Lopes da Silva Pinto Junior e Manoel Lopes da Silva Pinto do accordão de fl. 121, que confirmou a sentença de fl. 82, pela qual os recorrentes foram condemnados. E recorrem, porque, por um lado, o processo deve ser annullado, e por outro lado as provas dos autos não justificam semelhante condemnação.

após um d'aquelles perigosos silencios, Margarida muito perturbada e com os olhos fixados no tapete, sentiu nos labios um ardente beijo; retribuiu o; teve vertigens; e, ao tornar a si, encontrou-se só

Ficou por muitas horas n'um estado de perturbação indizivel, depois escreveu a carta que vimos no principio d'este livro, imaginando que com ella poderia talvez remediar o mal.

Ainda não se tinha convencido, que bastava uma hora de illicito amor para apagar uma vida inteira de virtude.

VII

Væ victis

Luciano promettera a si mesmo não procurar Margarida Venosti em quanto ella estivesse só. Porém, sahio cedo, e achou-se á porta d'ella, ignorando o caminho que para alli o levára.

Com effeito, segundo o artigo 3.º do decreto n.º 2 de 29 de março de 1890, n'estes processos, não pode o ministerio publico dar mais de cinco testemunhas. E embora aqui os réus sejam dois, é certo que o crime é o mesmo, os factos os mesmos, e aquelle decreto não abre excepção nenhuma para este caso.

Ora, ao contrario d'isso, o ministerio publico deu nove testemunhas para fundamentar a accusação, e todas ellas foram inquiridas sobre todos os factos da queixa de fl. 39, tanto os referentes ao primeiro como ao segundo dos recorrentes, conforme se vê de fl. 74 e seguintes.

D'esta maneira, veio a fazer-se carga aos recorrentes com depoimentos que a lei não permite, e foram assim postergados os sagrados direitos de defesa, do que resulta nullidade insanavel, nos termos do artigo 13.º n.º 14 da lei de 18 de julho de 1855.

Emquanto á prova, a sentença de fl. 82 é a primeira a confessar que só ha simples indicios contra os recorrentes; e esses indicios resume-os ella nos seguintes: queix. immediata do offendido; — inimizade anterior entre os recorrentes e o queixoso e irmão; — ameaças mais ou menos directas feitas pelos recorrentes ao queixoso e irmão; — queix. negativa tenaz do 2.º recorrente acerca da ameaça nas vespuras do crime; — e, finalmente, a contradicção nas respostas dos recorrentes entre si em circumstancias importantes.

Para se induzir que todos estes indicios são insufficientes, basta ponderar que dois dignos

Não quiz entrar nem parar, tomou a rua Calzajoola, e chegando á praça do Duomo entrou no Baptisterio cujas portas estavam abertas; sentou-se n'um banco. Baptisava-se um menino.

—Infeliz creança — disse elle — tambem tu virás a ser um homem desgraçado!

E medindo o abysmo que desde um tempo a esta parte se lhe cavava aos pés, reunindo n'uma dôr os mil soffrimentos da existencia, desejou a morte áquelle innocente que purificavam do peccado de ter «nascido», desejou a morte a essa creança na qual se concentravam provavelmente o amor e os sonhos de ventura de uma mãe. Muitas imagens confusas se lhe offereciam ao espirito, uma fez-se mais distincta. a de Margarida, que pouco a pouco foi afugentando-lhe as outras e povoando-lhe a imaginação.

(Continúa)

(5) Folhetim da FOLHA D'OVAR

CONDESSA DE MONTEMERLI

ENTRE DUAS MULHERES

TRADUÇÃO DE

Jayme T. Cirne de Magalhães

VI

N'uma hora apaga-se uma vida

A unidade do corpo e da alma desdobrada enfraqueceu as duas partes, debilitou-as.

Ao escravo, que é o corpo, concedeu-se muito mais importancia do que ao soberano, que é o espirito.

Não se levou em linha de conta

nenhuma das leis que regem a natureza, as attracções, as repulsões, os verdadeiros equilibrios do espirito, as forças magneticas e electricas que tanto em nós como fóra de nós actuam com a logica irresistivel da sua fatalidade; esqueceu-se tudo. Estabeleceu-se um unico peso e uma unica medida para todos os nossos actos sem excepção; e conhecendo-se que a natureza não nos apresenta nada de semelhante, nada de identico, nem nas feições do rosto, nem no metá da voz, o homem não duvidou legislar para o desconhecido, — para os impulsos da alma, que elle não sabe prever nem dominar, e, circumscrevendo-os dentro de um estreito circulo, disse-lhes: «Ahi estão os limites que ponho entre vós e o que considero o possivel e o impossivel: o bem e o mal»; e sobre tão fragil base assentou-se a consciencia da humanidade.

Ao convencer-se do seu amor, Margarida sentiu-se desfallecer; um

frio vertiginoso apoderou-se d'ella, e perguntou a si propria:—Serei ainda a mulher que eu cuidava ser?

O conde Galaredi, este queria agarrar-se ás forças que lhe podia apresentar a razão, aos affectos de familia, a essas palavras sonoras que erguem uma barreira entre o homem e a paixão: honra, dever, virtude. N'esta lucta, no meio do espanto moral accommetteu-o a febre, a febre com a sua agitação e as suas visões; o amor combatido tornou-se então gigante. Lançava a Margarida uns olhares que a fascinavam, disse-lhe palavras que lhe deixaram n'alma indefinido echo; apertou-lhe nas mãos abrazadas, as delicadas mãos até ella arder tambem, e entre elles appareceu um colosso—o silencio—o silencio do amor mais eloquente do que as palavras, revelando o que a voz se não atreve a dizer, o silencio que tira a respiração e interrompe as pulsações do coração. Uma noite,

juizes assignaram vencidos no accordão; e, se os outros votaram pela condemnação, foi naturalmente pelo desgraçado preconceito que ha de ver, em geral, com maus olhos todos os que se sentam no banco dos réus.

Na douta minuta de fl. 109 e seguintes, demonstrou-se já plenamente como foi errada a sentença; e, para não cansarmos o tribunal damós como reproduzido tudo o que lá se diz.

Realmente, a simples queixa do offendido não pode nem deve condemnar ninguém. E, no caso presente, bastava o queixoso andar meio indisposto com os recorrentes, para que, de boa ou má fé se lembrasse de lhes attribuir um ferimento praticado, nas trevas da noite, por qualquer outra pessoa desconhecida.

A inimizade entre os recorrentes e recorrido, se podia determinar a aggressão, podia também determinar a suspeita ou declaração do queixoso e a voz publica.

Fosse o crime praticado por quem fosse, desde que ninguém o viu praticar, desde que esse crime foi committido na escuridão, e desde que o queixoso gritou contra os recorrentes, claro está que, só pelo facto d'aquella inimizade, a voz publica havia de perfilhar inconscientemente a accusação. Portanto esse indicio da inimizade vem a confundir-se em ultimo resultado com a queixa do recorrido.

As ameaças anteriores são indicio contraproducente, pois, em geral, quem tenciona praticar um crime não anda a apregoal-o. E' certo o dictado: *cão que ladra não morde.*

Demais, recorrentes e recorrido são pessoas rusticas e frequentadores de serões, como se prova pela propria declaração de fl. 10; e, na gente d'esses habitos, as ameaças ou antes os gabatorios de suppostas valentias são habituaes sem o minimo resultado.

A voz publica definiu-a Chibrera: é o *bebu d'armento*. Vale tanto como um berro da ovelha. Já a lei 12 cod. pen. prohibia que por ella se fizesse obra para a condemnação de qualquer réo—*nec variae voces populi audiendae*; e a mesma cousa dispunham o alvará de 16 de novembro de 1761 e lei de 20 de julho de 1774 § 12 na exigencia que faz de provas legaes para a pronuncia.

Emquanto á negativa do réo, resta saber se essa negativa é verdadeira; mas, quando não seja, a propria reforma jud. implicitamente prohibe no artigo 901.º que se vá condemnar alguém pela sua confissão.

E, com razão, o prohibe, porque, de ordinario, os réos, estejam innocentes ou culpados, negam ou confessam, segundo os conselheiros que lhes assistem, e a maior ou menor habilidade de que dispõem. Até quanto mais criminosos, mais doutores; e só os innocentes é que se atrapalham e contradizem, sob o peso da accusação.

As contradicções entre as respostas dos recorrentes, além de serem em circumstancias accidentaes, como se vê de fl. 85, também não provam nada; porque, se a lei prohibe que se faça obra pelas declarações dos réos, prohibe que se condemne pelas suas contradicções.

E aqui está como os indicios mencionados na sentença são levissimos para fundamentar a condemnação; e não é a taes indicios que a citada lei de 20

de julho de 1774 e o artigo 990.º da nov. reforma mandam atender.

Mais do que elles, e muito mais, valem as testemunhas de fl. 64 e fl. 79, pelas quaes se provou que os recorrentes não praticaram o crime e que estavam em sua casa em companhia do proprio pae, quando elle foi praticado. E qualquer que seja o credito que se queira dar a essas testemunhas, é certo que constituem prova legal, pelo disposto no art. 2512.º do codigo civil; e, repetimos, pelo menos, valem muito mais que os pobres indicios respigados pelo juiz de 1.ª instancia.

O accordão de fl. 121, pois, confirmando a sentença de fl. 82 andou illegalmente, porque desprezou essa prova legal d'aquellas duas testemunhas, e porque attendeu a indicios insufficientes.

Em conclusão, o accordão recorrido deve ser revogado, no sentido de se annullar o processo, ou julgar-se improcedente a accusação:

1.º Porque se inquiriu, por parte do ministerio publico, mais do que o numero legal de testemunhas, e sobre todos os factos da queixa feita contra os dois recorrentes; offendendo-se assim o artigo 3.º do decreto n.º 2 de 29 de março de 1890.

2.º Porque se desprezou a prova legal de duas testemunhas de vista de fl. 64 e fl. 79, que demonstram a innocencia dos recorrentes, offendendo-se com isso o artigo 2512.º do codigo civil.

3.º Porque se condemnou os recorrentes só por indicios que nada valem, offendendo-se assim a lei de 20 de julho de 1774 e o artigo 990.º da nov. reforma jud.

Adriano Anthero de Sousa Pinto.

CONFRONTOS

XLV

Carga d'Ossos

«Dizes, *Carga d'Ossos*, que os meus Escalpellandos são bolas de papel. Talvez te enganest.

Quando os factos que se arguem são falsos, quando os crimes que se publicam são inverosímeis, inacreditaveis, as accusações não teem valor, são bolas de papel.

Mas quando se escarpella, mas se escarpella a valer com crimes conhecidos da maior parte dos habitantes d'uma terra, então, oh! então o caso muda de figura—não são bolas de papel que o vento leva—são accusações que callam fundo no animo de quem lê—E a prova já a deves ter tido...

Mais um roubitio, *Carga d'Ossos*.

Tu lembras-te de um teu irmão que quando o vosso pae morreu foi pedir-te a sua legitima paterna.

Como o recebeste? de que modo satisfizeste essa divida? teu irmão era um pobre que fôra soldado, que, depois de teu pae casar segunda vez, teve de abandonar a casa paterna. Elle voltou tarde a pedir-te o que de direito lhe pertencia.

Então roubaste-o bem. Ameaçaste-o em principio com pancadas e até com a morte. Elle conhecia-te bem e recebeu-te.

A legitima d'elle devia regular approximadamente por 5 con-

tos, deste-lhe por junto 400\$000 réis.

Teu irmão soube que tu o roubaste, mas que havia elle de fazer? Não tinha dinheiro para sustentar demandas.

Pouco tempo depois elle vivia pobrememente, mendigava, e quando te pediu que o soccorresses com uma esmola, bateste-lhe com a porta na cara, precisamente como fizeste ao Angelo quando elle te pediu alguma coisa para ajuda da mesada.

Roubando o irmão, roubaste em seguida tua irmã. E ha quem se admire de não seres podre de rico?...

Mais outro. Quando foste, quasi em principio da tua vida (e já eras ladrão!), commissario d'uns negociantes de trigo do Porto, quantas vezes vendeste tu o trigo por um preço e entregavas na conta com outro? Não foi uma vez só, foram muitas. Então conseguistes arranjar dinheiro e, depois de expulso d'essa casa, começaste a negociar por tua conta. Foi então que roubaste o honrado negociante do Monte da Murtosa, foi então que pela primeira vez roubaste tua irmã.

A tua vida foi desde o principio uma nodoa, uma vergonha.

Por isso eu te dizia que os fincos que cavam o teu rosto indicam o numero de crimes que tens committido.

E' que eu leio bem na phisionomia dos viventes e vou desenterrar os crimes que o povo já deixou esquecer, e com bolas de papel vou-os arremesando ao condemnado, ao *piffo ladrão* que hoje procura vingar-se com o dinheiro que em tempo roubou aos pobres que n'elle confiavam.

Carga d'Ossos, vou, como vês, cumprindo a minha promessa. Não me cançarei inflingindo-te o castigo porque és um grande scelerado: e lembra-te de que ha mais crimes praticados durante a tua vida e que eu virei expol-os ao povo para elle aprender a conhecer-te bem.

Heide contar a historia d'uma letra paga por um habitante da freguezia de Vallega.»

Pertence este artigo ao nosso querido heroe do *Povo d'Ovar*.

O tal *Carga d'Ossos* que lhe agradeça, abraçando-o e osculando-o...

SECÇÃO LITTERARIA

Tempestades

Pelas humidas campinas
Corre o outomno amarelento:
O cerúleo espaço immenso
Tolda-o o nimbo pardacento;

E na frondifera parra,
E no recondito asilo,
Já não descanta a cigarra,
Já não trina o alegre grillo.

Os troncos negros dos quecos,
Nús de folhas e verdes copas,
São como infaustos especiros
Involto em longas ópas;
E nas frestas das portadas,
E nos aridos maninhos
Uivam rispadas lufadas.

Dias de túrbido aspecto!
Como vós, nas sombras lueta
Quem viu n'um bátrahro infecto
A flôr que amára impolluta!

Ha pouco o dia, a bonança,
O azul da lucida esphera;
Agora a escura lembrança
D'uma enganosa chimera;
E nos páramos da aurora,
Na longinqua soledade,
A treva que sempre chora,
A perpetua escuridade!

Triste de quem, nos alvores
Da primavera dos annos,
Sentiu no peito os agrôres
Dos funestos desenganos!

Assim o bebado passa
Da beatitude á tristeza,
Se pôz aos labios a taça,
Onde sonhára um falerno,
E nos sórvos da cachaça
Hauriu as borras do inferno!

Assim o grou famulento
O pê recolhe tristonho.
O bico sacode ao vento,
Se como a visão d'um sonho
Vin sumir-se-lhe nas tocas
O caranguejo tardonho,
Já repleto de minhocas!

Triste de quem, nos alvores
Da primavera dos annos,
Sentiu no peito os agrôres
Dos funestos desenganos!

Então n'esses paroxismos
A louca procella em furia,
Ruindo pelos abysmos,
Soluce a rouca lamuria
Dos supremos cataclismos!

Que a tristeza se minora
Nos embates da tormenta:
Une a desgraça o que chora
Ao que na dôr se lamenta!

João Penha.

ROMA

(Conclusão)

Que series de impressões e ensinos reserva Roma ao viajante! Por mais affeito que o homem seja ás grandes scenas, nunca penetra cidade eterna, sem que o coração se lhe tome de pavor, e de admiração o espirito; sem que fique confundido e espantado. Aqui apparecem-lhe as pedras cyclopias, sobre as quaes levantaram os seus braços ao céu aquelles que formaram a primeira tribu, d'onde nasceu a auctoridade e o direito. Além ostenta-se-lhe o Pantheon e seu vestibulo, cuja abóbada tem alguma coisa dos horizontes infinitos, e cujas columnas se assemelham ás selvas gigantescas. N'uma parte mostra-se-lhe o Colyseu, da elevação das montanhas e da graça e ligeireza das pias. N'outra parte, as therzas de T.º, pintadas de arabescos encantadores como qualquer camarim da renascença. Aos dois lados, e quasi a igual distancia, surgem-lhe as therzas de Diodeciano e de Caracalla, que antes parecem ser obras da natureza, do que obras dos homens. Junto do theatro de Marcellus, a columna colossal de Trajano; e ao pé do obelisco de Heliopolis, o monumento de Antonino. No monte Palatino alastram-se pela terra, como restos de um grande combate, os ossos da Roma antiga; e no monte Vaticano perde-se nos arés, como uma oração universal da christandade, a Basilica da Roma moderna. No palacio Farnése, encanta-o a obra capital dos Carraccis; no casino Rospigliosi maravilha-o a celeste aurora de Guido. Nas Villas espalhadas por dentro e fóra da cidade, legiões de estatuas revelam-lhe todos os primores da belleza hellenica. No Capitolio brilha a famosissima Venus, que servirá de eterno modelo a quantos amem as artes plasticas. Na residencia incomparavel dos pontifices, deleitam, extasiam e assombram todos os grandes milagres da inspiração

e do genio, desde o Gymnasta atheniense, que limpa o suor do seu corpo nu, offegando e cançado das correrias e dos jogos, até ao Apollo do Belvedere, que resplende na serenidade immortal dos antigos deuses; e desde as figuras tranquilas de Raphael, cheias de formosura e de vida, absortas na contemplação de um ideal harmoniosissimo, cujas melodias se bebem n'aquelles labios divinos, até ás tragicas figuras de Miguel Angelo, que parecem sacudidas pelo furacão de todas as paixões, e atravesadas pelos raios faiscentes de todas as dôres!

Por toda a parte avultam egrejas pomposas e riquissimas; palacios esplendidos e nunca vistos; basilicas cobertas de marmore, reluzentes de ouro e pedraria, e recamadas de mosaicos e de frescos; as catacumbas envoltas nas trevas e enopadas em mares de sangue e de lagrimas; as ruinas, em plena luz, cordadas por festões de saramagos e de ortigas; e, por ultimo, essas duas fileiras de sepulchros, que bordam a Via Appia e se estendem até aos montes Albanos, ou melhor, até ás praias maritimas, com as suas columnas des, troçadas, as suas estatuas cahidas—as suas inscripções gastas, os seus fragmentos denegridos, os seus baixos relevos disseminados; perdidos os seus ossos e as suas cinzas; como se tudo aquillo fosse um Apocalypse em pedra, ou antes, o resto pavoroso d'algum planeta destruido nos espaços e definitivamente julgado pela justiça do Eterno! Cidade de taes contrastes, de tamanhas transições de variedade tão infinita, de grandezas tão prestigiosas, de memorias e ensinamentos tão grandes, será eternamente immortal e eternamente indescriptivel. Para a entremostrarmos, por meio da palavra ou da escripta, tornava-se precisa uma lingua de ouro e uma penna de diamante; prendas, que não logramos a ventura de possuir, não temos a desgraça de apparentar. Vamos unicamente recordal-a ao viajante, nos seus momentos mais sublimes; começando, como é justo, pelos monumentos religiosos.

Alves Mendes.

A uma borboleta

P'ra quê, borboleta branca,
vens junto a mim voitar?
Perdi a alegria franca,
meu doce, roseo sonhar!

Minh'alma ao pranto é desperta,
vaga a dôr em cada membro!
—pallida flôr entreaberta
n'uma manhã de dezembro!

Já não vou mirar a fronte
no branco espelho das aguas;
nem contemplar o horizonte
sentado por sobre as fraguas!

Sonhar luzes—as estrellas
n'alguma prece divina;
rir atraz das philomelas
entre as rosas da campina!

Julgar uma ave—a fragata
que sobre as ondas nos vem,
a lua—um queijo de prata
que um genio revolve além!

O sol—lampada engenhosa
suspensa n'amplidão,
e a voz de Deus magestosa
—no ribombar do trovão!

Que resta? Sombra perdida
da existencia nos baldões!
uma saudade cahida
na campina das illusões!

Que novas poderás dar-me
n'esse alvor do paraizo?
Já não ha p'ra mim um carne
que os labios desprenda em riso!

Leva a nova d'outras eras,
desperta novos amores,
aos que vivem de chiméras,
que o mundo sonham de flôres!

P'ra quê, borboleta branca,
vens junto a mim volitar?
Perdi a alegria franca,
meu calmo, roseo sonhar!

Azemeis—93.

Olympio Fonseca.

NOTICIARIO

João Huet

Para a comarca da Covilhã, para onde foi collocado ultimamente como escrivão de fazenda, partiu terça-feira, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e filhos, o sr. João Huet de Bacellar, muito illustrado e intelligente funcionario que exerceu egual mister n'esta comarca alguns annos.

E' de sentir a ausencia d'este illustre cidadão e nosso amigo, sentimento de que partilhará a villa d'Ovar, que tanto o venerou e admirou merecidamente como homem e como digno empregado.

Temos fé, pois, a avaliar das bellissimas qualidades, agrado e sympathia, ornamentos pelos quaes com toda a modestia o sr. Huet tanto se salientou, que os covilhenses ficarão satisfeitos com este novo funcionario.

Uma viagem feliz, pois, e muita saude é o que desejamos sinceramente áquelle distincto cavalheiro na cidade da Covilhã.

Passamento

Enviamos os nossos sentidissimos pezames ao sr. Manoel José Ferreira Coelho e a toda a familia, pelo doloroso golpe por que passou com o passamento da sua estremecida filhinha Rosa, que falleceu na noite de sexta para sabbado passado, victima da febre typhoyde.

A inditosa Rosa Ferreira Coelho —coitadinha!—contava apenas 17 primaveras incompletas.

Tão nova, em uma idade tão linda, foi-se d'este mundo, sacrificada d'um tanto soffrer sem que os esforços da sciencia a podessem salvar.

Uma pena.

Foi enorme a affluencia de gente ao funeral, que se realisou na tarde de sabbado, e a cumprimentar o desolado pae da finada e nosso amigo, sr. Coelho.

Notas ligeiras

Passa incommodado mas felizmente sem gravidade o nosso presado amigo e digno escrivão de direito n'esta comarca, sr. João Coelho. Sentimos.

—Guarda ha dias o leito, o velho honrado e nosso amigo Antonio Maria Valerio.

Melhoras.

—Regressou do Furadouro o nosso amigo Silva Cerveira.

—Como refere o auctor d'uma carta de Oliveira d'Azemeis que hoje publicamos, encontra-se bastante incommodada a filha do sr. contador n'aquella comarca, a exc.^{ma} sr.^a D. Angelina Fonseca.

Desejamos sinceramente o seu rapido restabelecimento.

—A febre typhoide percorre esta villa d'uma maneira espantosa, e já se acha muito espalhada pelas freguezias visinhas de Vallega, Arada, Maceda e Esmoriz.

Se a cautela valesse ao seu impedimento . . .

A semana entron com cara alegre. Continuará assim?

«Chorographia de Portugal»

Novamente nos referimos boje á Chorographia de Portugal do sr. Ferreira Deusdado e, como das outras, para louvarmos a nitidez da execução dos mappas que illustram a obra e o valor do trabalho do sr. Deusdado.

São seis os mappas que acompanham as folhas 25 a 40 da Chorographia de Portugal, que acabamos de receber: das ilhas adjacentes e provincias de Cabo Verde, S. Thome, Guiné e Angola.

O texto refere-se a essas provincias e ás ilhas, fornecendo interessantes elementos de estudo, colhidos nos mais recentes dados officiaes.

A casa Guillard, Ailland & C.^a de Paris, é merecedora dos maiores louvores por ter editado obra de tanto valor, tarefa de que brillantemente se desempenhou, pois é primorosa a execução de toda a parte typographica chromo-lithographica do livro.

O custo da obra é de 1\$000 réis apenas, em todas as livrarias, e na filial da casa editora, rua Aurea n.º 242, 1.^o Lisboa.

A casa Guillard, Ailland & C.^a previne todas as pessoas a quem envia prospectos, que estas são gratuitos, e unicamente um meio de tornar conhecidas as suas obras, sendo portanto desnecessario que as pessoas a quem elles são enviados os devolvam.

Egualmente previne todos os srs. professores a quem tem sido enviados prospectos-vales da Chorographia do sr. F. Deusdado, que os mesmos são válidos até 30 de novembro, isto em virtude de n'elles se dizer, que só são válidos até 1.^o d'outubro corrente,

Pequenas locaes

Tem passado incommodado o nosso amigo José Ramos.

—Tem passado melhor a sobrinha do nosso velho amigo, Francisco Barbosa.

Feira

Realisou-se domingo, no largo da Estação, a feira de gado suino.

Foi importante esta feira pela grande quantidade de gado que appareceu e que se vendeu, regulando o preço da carne 3\$400 a 3\$600 os 15,000.

Photographia

O nosso amigo Ricardo, proprietario d'uma photographia, acaba de expôr ao publico em casa do João Alves, na Praça, alguns dos seus trabalhos.

Prevenimos pois os nossos leitores que na Praça podem admirar a perfeição dos trabalhos da photographia do Ricardo.

Passagem

Passou no sabbado na estação do caminho de ferro d'esta villa, com destino a Amarante, para onde foi destacado, o nosso bom e velho amigo Bernardo Barbosa de Quadros, 2.^o tenente de artilheria.

Dr. Lourenço Medeiros

Tem experimentado bastantes melhoras este nosso distinctissimo amigo e redactor politico d'este jornal.

E' com o maior prazer que damos esta noticia.

S. Garrido

Tem estado no Porto este nosso amigo e correspondente d'este jornal na Regoa.

Uma pergunta

Dão-se alviçaras a quem nos disser quanto se gastou com a festividade de Corpus Christo?

Manoel Joaquim Rodrigues

Está melhor este nosso correligionario, dos incommodos que ultimamente tem soffrido.

Folgamos immenso que o valente caudilho do partido regenerador se restabeleça completamente.

Mysterio?

Porque não publicam os sabios as actas das sessões camararias.

No principio era luz e mais luz, mas vieram as trevas... trevas... trevas... trevas... trevas.

Mais alviçaras

Dão-se a quem nos disser o que foi feito d'uma—*questão medica*—de que o *Povo de Ovar* tanto tratou em tempo???

As eleições

Falla garboso o... pobre Fragata em materia d'eleições—já abandonado pelos regeneradores, que o ampararam com a sua piedosa assistencia,—e á mercê dos progressistas, que só querem desfazer-se de quem os comprometeu, e que por toda a parte dizem: *estamos fartos*.—Se com elles venceres, fragata, *não será por nossa culpa*.

A scena no Governo Civil

Ninguem disse, nem se lembrou de dizer, que o sr. Massa não recebera delicadamente os vogaes da camara d'Ovar.

Estamos até convencidos de que os recebeu com delicadeza de mais.

E' conhecida a urbanidade do sr. Massa nos actos officiaes e particulares.

Mas a que vem esta mentirola sem tom nem som?

Não basta para nos indispor com o digno funcionario, que lendo o nosso artigo, ha de extranhar, que o falseiem fóra de proposito.

Julga o fragata metter-lhe os pés nas algibeiras?

Estás servido, fragata, estás servido.

CHRONICA

M...

D'aqui assentado e encostado em um velho cruzeiro que se levanta n'este monte elevado, largo, descampado, só,—porquê o silencio dá-me prazer, faz-me bem—o

pensamento voltado para ti a quem vejo sempre com os olhos da imaginação, e comparo ao sol ardente e formoso que me encontrou n'este ponto ermo aonde me fiz cedo para o cumprimentar, d'aqui elevo meus queixumes a esta cruz que me ouve, mas não diz o motivo da terrivel indiferença tão claramente manifesta por quem tanto adoro, por ti que vacillas dos meus protestos resumidos apenas no 'mais simples e innocente olhar, no gesto mais imperceptivel!'

O lugar é bello, poetico pela solidão, de attractivos irresistiveis, a manhã formosa, não muito fria; porém todo este conjunto de bellezas naturaes para mim são de nenhum valor: falta-me o melhor—a belleza das tuas faces, a poesia e magnetismo que encerra o teu olhar, e os attractivos do teu corpo bem feito.

Por isso, embora não ouvido, embora não consolado, quasi extincta a luz da minha ultima esperanza, dirigi-me á cruz, porque ella é o amparo dos desgraçados, testemunha inviolavel dos infortúnios humanos, meu amparo tambem porque soffro, porque não levo a bem soffrer tanto por tua causa, por causa do teu amor...

Alguns — 11 — 93.

Said G.

CARTA

Oliveira d'Azemeis, 21 de novembro

Que a minha benção vos cubra, pios leitores, loiras e formosas leitoras, senhoras minhas, filhas de Deus, irmãs dos anjinhos, humildes ovelhas de Frei das Dores.

Depois de por mim abençoadas, ouvi-me, ouvi o que é e será sempre vosso defensor, vosso amigo, e vosso pae natural.

Não vos canceis, portanto, a procurar a chronica costumada. Não a escrevi: substituo-a por esta carta dirigida d'aqui, d'esta villa encantadora, cheia de bellezas e attractivos, não obstante atravessarmos o carrancudo novembro que, é verdade, abriu a sua ultima semana com um dia cheio de sol, formozo, dia puramente primaveril.

Conhecido que sou de ha muito d'esta vizinha villa, por isso tenho sido muito cumprimentado, e andado em continuos passeios, mal podeis avaliar o meu sacrificio em escrever esta carta, roubando para isso algum tempo que os importunos cumprimentadores não me perdoam, impondo-me a sua restricção, dê por onde dêr, perca o que perder,—dizem elles.

Mas eu é que deixo de fazer-me lembrado hoje, impossivel!

N'estas condições, quem não me deverá louvar, chamar-me «moço pontual e amigo?»

E' que eu sempre fiz por merecer a sympathia das minhas leitoras formozas e loiras, tão formosas e tão loiras ou até mais que tu—ó minha alma estremecida!

Apesar ainda assim de me sentir bem em Azemeis, (como sempre) rodeado de amigos, rodeado de mil entretenimentos, lembra-me Ovar, lembram-me as leitoras, e... isto com as mais pungentes saudades!

Acreditem-me. Sou sincero de mais até, muitas vezes.

E foi por isso que em jurei mil sacrificios debaixo do protesto sacratissimo de escrever d'aqui.

Satisfeito, pois, este desejo ardente, mais ardente que as tuas palavras de mal avinda—ó minha alma estremecida!—vou dar seguidamente duas noticias d'esta cidade pittoresca—chamemos assim á terra dos Costas.

—Passa ha bastante tempo incommodada a ex.^{ma} sr.^a D. Ange-

lina Fonseca, filha do digno contador d'esta comarca, sr. Francisco Fonseca.

—O grande prestidigitador Lara não realisou o espectáculo que havia anunciado para domingo, por falta de concorrência.

Pobre Lara!

—O sr. typho alastra-se por toda a villa d'uma maneira assustadora.

Que o diabo ou sr. diabo o leve para tranquillidade d'este povinho que anda sempre desconfiado com a sua visita inesperada.

—Uma concorrência regular na Associação Recreativa d'esta villa, domingo.

Dançou-se até á uma hora, exactissimamente á hora que estou a escrever hoje e o meu estomago a ralhar, a ralhar, assim a modos de quem está desesperado por...

E' verdade—vamos jantar?

E depois um passeata até ao Calvario, áquelle Calvario onde se reí morto e sepultado de amor, mas só por ti—ó minha alma estremecida!

Agora vão ouvir mais duas coisas interessantes. E' uma historia curta, agradável e viridica.

Muito «boas-tardes.»

Jayme.

CORRESPONDENCIAS

Regoa 19 de novembro.

Com indefinivel prazer vimos no *Diario do Governo* n.º 251, de 6 do corrente, na lista do apuramento ou qualificação final dos alumnos da escola, que no anno lectivo findo concluíram o curso d'artilheria, os nomes dos nossos sympathicos e intelligentes amigos João Carlos de Castro Corte Real Machado, Antonio Pacheco, Antonio Lopes Baptista e José Pacheco.

Ao segundo e quarto, amigos desde a adolescencia, patricios, filhos do venerando e respeitabilissimo commendador Antonio Rodrigues Pacheco, d'esta villa, ligam-nos estreitos laços de cordeal affecto, e ao primeiro e terceiro, filhos, áquelle do distincto engenheiro da camara do Porto e sobrinho do muito nobre e honradissimo chefe do partido progressista, e este do importante capitalista do Porto, João Lopes Baptista, por todos os titulos venerado tambem, uma perduravel estima e consideração.

Estes nossos illustres e distinctos amigos, muito novos ainda, tem diante de si um futuro risinho e garantidissimo, por quanto além das armas scientificas a que se dedicaram ser já um penhor seguro, a todos elles sobra-lhes merito, illustração e saber para o tornarem ainda mais brilhante e positivo.

E' altamente consoladora para um pae a posição assim d'um filho.

A orientação que lhes serviu de bussola, n'este mare-magnum da escola e do estudo foi tão distincta e efficaz, que a ella se deve em grande parte a posição brilhante d'estes nossos amigos.

A elles os nossos mais cordeaes parabens e a todos os seus o nosso pequeno, mas sincero quinhão da mais entusiastica satisfação.

—O habil clinico n'esta villa, o sr. dr. Maximiano, passou por a dura provação de perder uma filhinha, victima do garrotinho.

Foi impotente a sua alta competência medica para a roubar á morte.

Avaliamos da sua profunda magoa, porque é pae e extraordinariamente estremoso por seus filhos.

Reciba sua ex.^a e sua illustre familia os nossos subidos protestos da mais sentida condolencia.

De visita a suas primas, as ex.^{mas} sr.^{as} D. Maria Augusta Borges e viscondessa da Regoa, esteve nesta villa a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Albertina de Seixas Borges, acompanhada de seu presado esposo e nossó sympathico amigo, José Borges de Magalhães Sobrinho.

Esta illustre senhora, em quem superabundam dotes de espirito do mais puro e aquilatado primor, é descendente d'uma das mais fidalgas familias das nobres casas do Carvalho, freguezia de Fontellas, d'este concelho.

Os desherdados da sorte encontram sempre em tão virtuosa e veneranda senhora o obulo da caridade de mistura com o conforto doce e suave das suas bondosissimas palavras.

O reconhecimento profundo dos pobres traduz-se nas lagrimas de sincera gratidão com que orvalham a bemfazeja mão que os soccorre. As fulgurações da bella alma de tão benemerita senhora transparecem na sua phisionomia sympathica, illuminada por um sol glorioso de bondade.

A omnipotencia preserve por largos e dilatados annos tão preciosa existencia, para acolhimento e amparo d'esses desherdados da boa fortuna.

Até á semana.

S. Garrido.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

A familia ausente e presente de Maria Emilia do Espirito Santo Soares Balreira vem mais uma vez agradecer penhoradissima ás pessoas que se dignaram cumprimental-a pela occasião do fallecimento de seu presado marido, pae, cunhado e sobrinho, Bernardo Soares Balreira, protestando a todos o seu eterno reconhecimento e pedindo desculpa d'aiguma falta que, involuntariamente, se desse.

Ovar, 20 de novembro de 1893

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

PARA ENCOMMENDAS

FEITAS PELA

COMPANHIA REAL

DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77
PORTO

Livros para registo DE HOSPEDES

E Relações dos mesmos que os proprietarios dos hotéis são obrigados a enviar todos os dias ao commissariado de policia. Vendem-se na

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77

COPIOGRAPHO

De massa branca preparada pelo dr. Bergmann

O unico que até hoje tem dado bom resultado chegando a tirar 100 cópias perfectas.

Preços: formato almasso 1\$800 réis.

Formato commercial réis 1\$500.

Formato meio commercial 800 réis.

Tinta violeta do dr. Bergmann, frasco 200 réis.

Para a provincia accresce 200 réis em cada copiographo e 50 réis em cada frasco de tinta,

A' venda em Lisboa, rua Aurea, 69. Porto, A. J. Fernandes, largo dos Loyos, 44 e 45.

JÁ SE ACHAM Á VENDA

REPERTORIOS

ALMANACHS

PARA 1894

DA ANTIGA LIVRARIA POPULAR DOS LOYOS

A maior e mais variada colleção que até hoje tem apparecido, pois consta de 14 auctores, entrando n'ella o antigo almanach critico, satyrico e prognostico

O SERINCADOR

De Liborio de Magalhães

bem como

O Almanach das feitiçarias, Propheta Universal, Novo amigo da verdade e o Pae Ambrosio de Suza (O Preto)—Borda Leça, Borda d'Água, Borda Vinho, Borda d'Ouro, Astrologo Luzitano e Pedro Coutinho Velho,

Para revender grandes descontos Deposito geral

Imprensa Civilisação, editora

DE

MANOEL FERREIRA DE LEMOS

Rua de Santo Ildefonso, 73 a 77 (Largo da Pocinha), para onde podem ser dirigidos todos os pedidos.

Fabrica de adubos chimicos do norte de Portugal

Administrador—Astier de Villate, agronomo

ADUBOS para milho e feijão, leguminosas, vinho, cereaes, etc.

Superphosphatos, phosphatos, nitratos, sulphato de potassa, chloro de potassa, kainst, gesso, cal. Dósgens garantidas.

Enxofre em pedra e moído. Enxofre com sulphato de cobre, contra o oidium e mildew

Este enxofre tem a côr azul devida ao sulphato do cobre. Exigir esta côr, ficando certo que o preparado tem pelo menos 10 p. c. de sulphato de cobre.

Enxofre Skawinski. Escriptorio, rua Formosa, 250—Porto.

Pós de carvão, quina, essencia de hortelã pimenta, etc., para limpeza dos dentes.

E. Zagallo de Lima—Praça, 63

EDITORES—BELEM & C.—LISBOA

A VIUVA MILLIONARIA

ULTIMA PRODUÇÃO DE

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal*, *A Martyr*, *O Marido*, *a Avó*, *A Filha Maldita* e *a Esposa*, que tem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

A fama do admiravel trabalho, que vamos ter a honra de apresentar á elevada apreciação dos nossos assignantes, e cuja publicação está terminando em Pariz, centro principal de todo o movimento literario contemporaneo, tem sido alli consagrada por um exito verdadeiramente extraordinario, que mais e mais tem engrandecido e exaltado a reputação do seu auctor, já tantas vezes laureado. E com effeito nunca EMILE RICHEBOURG provou tão manifesta e exuberantemente os grandissimos recursos da sua fecunda imaginação.

Este romance, cuja acção se desdobra no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes, excede, debaixo de todos os pontos de vista, tudo o que o festejado romancista tem escripto até hoje, e está evidentemente destinado a tomar logar proeminente entre os trabalhos litterarios, mais justamente apreciados da actualidade.

A empresa, que procura sempre com o maior escrupulo corresponder dignamente ao favor dos seus assignantes espera continuar a merecer o seu valioso auxilio, que mais uma vez se atreve a solicitar.

Brinde a todos os assignantes

Uma estampa em chromo de grande formato, representando a

Vista da Praça de D. Pedro

EM LISBOA

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzida depois em chromo a 14 côres. copia fiel da magestosa praça em todo o seu conjunto. Tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita que até hoje tem apparecido.

Brinde aos angariadores em 2, 4, 10, 15 e 30 assignaturas.

Condições d'assignatura:—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginaas 10 réis. Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é a custa da Empresa, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

A empresa considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilisarem por mais de tres assignaturas.

A commissão é de 20 p. c., e sendo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Em Lisboa recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA, onde se requisitam prospectos.

Acceita-se correspondente n'esta localidade.

Imprensa Civilisação

DE

MANOEL F. LEMOS

OFFICINA DE CONFIANÇA, FUNDADA EM 1878

73, Largo da Pocinha, 77

(R. de Santo Ildefonso)

R. de Passos Manoel, 192

PORTO

N'esta officina imprime-se com promptidão, nitidez e por preços relativamente modicos, todo e qualquer trabalho typographico.

Facturas, memoranduns, mappas, bilhetes de loja, enveloppes, jornaes de pequeno e grande formato, obras de livro, todos os trabalhos para Associações de Soccorros, etc., etc., para o que ha abundancia de typos communs e de phantasia, bem como variadas e lindas combinações recebidas das principaes casas estrangeiras.

BILHETES DE VISITA a 160 e 200 réis o cento

BILHETES DE RIFA a preços baratos

BILHETES DE LUTO para agradecimento

Enviem-se pelo correio a quem fizer o pedido acompanhado da respectiva importancia.

TEM A' VENDA:

RELAÇÕES que os proprietarios dos hotéis são obrigados a enviar com o nome dos hospedes ao commissariado de policia.

LIVROS para registo de hospedes.

RELAÇÕES de novo modelo para receber o juro das inscripções, bem como das obrigações de 4 e meio p. c., etc., etc.

TABELLAS do movimento da população, que os srs. regedores e parochos das freguezias são obrigados a enviar semanalmente para as administrações.

RECIBOS para todas as Juntas de parochia (modelo official).

ARRENDAMENTOS para caseiros e senhorios.

GUIAS para acompanhar a correspondencia official ao correio.

NOTAS de expedição para encommendas feitas pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Fabricam-se CARIMBOS DE BORRACHA tanto para particulares como para repartições publicas, por preços rasoaveis.

Na redacção d'este jornal toma-se conta de encommendas tanto de cartões de visita e rifa, como de outros impressos.

NOVIDADE

Cerveja DANUBIA e BOCK-BIRR.

Grande sortido de mantas, regatas, plastrons e lavaliers.

Vinhos finos da Companhia e de outros armazens, desde 100 a 1\$500 réis.

SILVA CERVEIRA

LOJA DO POVO

PRAÇA, 63—OVAR